

Ciências em Debate

Núcleo de pesquisa em Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento
Departamento de Ciências da Administração
Universidade Federal de Santa Catarina



Ecologia dos saberes urbanos: provas de pesquisa-ação no Metrolab Brussels ¹

Mathieu Berger ²

Resumo

Desde 2015, o projeto Metrolab reúne arquitetos, planejadores urbanos, geógrafos e sociólogos em Bruxelas para realizar pesquisas de ação sobre projetos de desenvolvimento urbano financiados pela política pública europeia FEDER. Inspirado nas práticas de pesquisa da Escola de Chicago e na epistemologia do pragmatismo americano, esse projeto de laboratório-observatório teve como objetivo reunir observadores acadêmicos e atores de políticas públicas em torno de situações urbanas concretas, a fim de aprimorar essas últimas por meio de investigação e experimentação. Neste artigo, o autor, como coordenador do Metrolab, faz uma retrospectiva dos sucessos e das dificuldades desse empreendimento, que consistiu em acolher e reunir tipos muito diferentes de conhecimento sobre a cidade, formas de engajamento e percepções da realidade urbana. O texto enfatiza especialmente os desafios de comunicação e intercompreensão levantados por essas práticas de pesquisa-ação, situações em que os *modos de significação* plurais e concorrentes entram em tensão. Duas variedades desses desafios, descritas aqui como ecosemióticas, são discutidas: as que ocorrem entre representantes de diferentes disciplinas dentro da equipe científica do Metrolab; e as que envolvem o laboratório-observatório e os atores dos projetos urbanos monitorados.

Palavras-chave: Pragmatismo; Pesquisa-Ação; Transdisciplinaridade; Ecosemiótica; Observatório Social; Metrolab Brussels.

Abstract

Since 2015, the Metrolab project has brought together architects, urban planners, geographers and sociologists in Brussels to conduct action research on urban development projects financed by the European ERDF policy. Inspired by the research practices of the Chicago School and the epistemology of American pragmatism, this laboratory-observatory project aimed to bring together academic observers and public policy actors around concrete urban situations, in order to improve the latter through investigation and experimentation. In this article, the author, as coordinator of the Metrolab, looks back at the successes and difficulties of this undertaking, which consisted in welcoming and bringing together very different types of knowledge about the city, forms of commitment and perceptions of urban reality. The text places particular emphasis on the challenges of communication and inter-comprehension raised by these action research practices, situations in which plural and competing modes of meaning come into tension. Two varieties of these challenges, described here as eco semiotic, are discussed: those played out between representatives of different disciplines within the Metrolab's scientific team; and those that involved the laboratory-observatory and the actors of the urban projects monitored.

Keywords: Pragmatism; Action research; Transdisciplinarity; Ecosemiotics; Social observatory; Metrolab Brussels.

¹ Baseado em: Berger, M. (2020). Écologie des savoirs urbains - épreuves de la recherche-action au Metrolab Brussels. *Pragmata*, (3), p. 430-488. Agradecemos à *Pragmata* pela permissão para publicação. O autor agradece à Daniel Cefai, Louise Carlier et Benoît Moritz pelas observações, sugestões e contribuições. Tradução para Ciências em Debate: Pauline Bianca Erbs.

² Professor da Université catholique de Louvain (UCLouvain). Pesquisador do Centre de recherches interdisciplinaires Démocratie, Institutions, Subjectivité (CriDIS/ UCLouvain).

1. A política urbana como laboratório social

Desde 2015, o Metrolab reúne sociólogos, arquitetos, urbanistas e geógrafos da UCLouvain e da Université Libre de Bruxelles³ em torno de pesquisas-ações realizadas dentro do programa FEDER-Bruxelles 2014-2020⁴, uma política de desenvolvimento regional subsidiada pela Europa.

Este programa, que representa um investimento de aproximadamente 200 milhões de euros e conta com 46 projetos muito distintos, segue uma estratégia de desenvolvimento urbano social, ambiental e econômico, monitorado pelas unidades de pesquisa especializadas do Metrolab. Em seu dossiê de candidatura, em resposta ao edital do FEDER em 2014, os fundadores do Metrolab inscreveram seu projeto no patrimônio das práticas de pesquisa da Escola de Chicago e nos princípios epistemológicos do pragmatismo americano⁵. O coletivo concebe Bruxelas⁶ como seu “laboratório social”, de acordo com a metáfora tão cara a Robert Park (1929/2004), ainda que neste caso seja menos a cidade como um todo do que uma política urbana específica que constitui este laboratório⁷.

Após um primeiro programa em 2007-2013, exclusivamente focado na criação de novas infraestruturas urbanas, o FEDER Bruxelas 2014-2020 também se abriu a projetos de pesquisa. A candidatura do Metrolab propunha um projeto de pesquisa bem diferente daqueles sugeridos pelo edital, centrados nos campos das ciências médicas e na inovação tecnológica. A inovação proposta pelo Metrolab tange às políticas públicas em si e era de ordem institucional e não tecnológica.

³ O Metrolab é composto por representantes de quatro centros de pesquisa: CriDIS (ciências sociais) e LOCI (arquitetura) pela UCLouvain; LoUIsE (urbanismo/ambiente) e IGEAT (geografia) pela Université libre de Bruxelles.

⁴ O FEDER (Fonds européen de développement régional) tem como objetivo fortalecer a coesão econômica e social e a coesão social na União Europeia, corrigindo os desequilíbrios entre suas regiões.

⁵ Foi por meio do trabalho de sociólogos franceses sociólogos franceses que trabalham em Nanterre e na EHESS, em particular Isaac Joseph e Daniel Cefaï, que esse legado do pragmatismo americano influenciou a sociologia urbana na Bélgica de língua francesa. As principais obras-chave foram: Joseph & Grafmeyer (1979) ; Joseph (1998) ; Cefaï & Joseph (2002) ; Cefaï & Pasquier (2003) ; Cefaï et al. (2015). Experimentações em observação colaborativa e contribuições sociológicas para o design de espaços urbanos conduzidos por Isaac Joseph também foram importantes inspirações para aqueles que, em Bruxelas, viam a sociologia como um conhecimento prático.

⁶ O Metrolab definiu mais especificamente como um campo de observação e ação o Vale do Senne, o “Território do Canal”, que corresponde à área prioritária para a política do FEDER, embora a programação 2014-2020 também incluía projetos localizados fora dessa área.

⁷ Essa abordagem também foi usada no âmbito da política de renovação urbana de Bruxelas política de renovação urbana de Bruxelas “*Contrats de quartier*”. Ver Berger (2019, pp. 204 e 210-212).

A proposta não era equipar o FEDER Bruxelas com um aplicativo de “governança inteligente”, mas, de forma mais simples (e talvez mais radical), introduzir nesta política pública princípios e práticas de “trabalho de investigação”, na acepção de John Dewey (1938/1993). O objetivo era sensibilizar a região de Bruxelas para uma concepção pragmática das políticas públicas; uma concepção segundo a qual uma política pública não deve dar origem unicamente à pesquisas e avaliações quando concluídas, mas que ela própria é, por si só, uma investigação e um processo de “valoração” (Dewey, 1939/2011).

Se na época do edital de 2014, a FEDER-Bruxelles dispunha de dados e indicadores que lhe permitiam observar os progressos anuais de cada um de seus projetos, de assegurar o seu monitoramento, e se uma avaliação independente estava prevista ao final de cada programa, esta política não seria capaz de observar e refletir sobre si mesma em seu processo de elaboração, com base em preocupações que não seriam relativas unicamente a uma racionalidade como finalidade, mas também a uma racionalidade como valor — duas formas de racionalidade que são difíceis de dissociar para os pragmatistas.

Com a ferramenta Metrolab, propusemos à política FEDER-Bruxelas que objetivasse sua relação consigo mesma, não sob o modo de monitoramento administrativo ou de apresentação de criação de imagens e comunicação de suas realizações, mas sob o modo de investigação coletiva e multidisciplinar sobre os fatos e os valores desta política. Os 46 projetos do programa 2014-2020 não podiam ser reduzidos a 46 linhas de uma planilha Excel; juntos eles abriram um vasto campo de experiência e investigação.

Depois de ter convencido a região e obtido financiamento, foi necessário formar uma equipe e se estabelecer em Bruxelas: dar existência a um coletivo e dar vida a um lugar. No que diz respeito à equipe, os líderes acadêmicos do projeto se voltaram para perfis específicos.

Por um lado, jovens pesquisadores interessados em uma formação em um ambiente interdisciplinar, uma concepção colaborativa da pesquisa (a exigência de trabalhar com ou junto a alguns dos projetos da FEDER-Bruxelas, e não apenas nos seus

projetos) e o desafio de levar a cabo uma tese de doutorado com uma certa ambição teórica, embora sempre atendendo às exigências práticas da pesquisa aplicada⁸.

Por outro lado, pesquisadores em pós-doutorado interessados em dar extensões mais práticas a seus trabalhos de tese, em tornar-se atores de uma política urbana e em coordenar o trabalho de unidades interdisciplinares de pesquisa. Enfim, *project managers* prontos para garantir a gestão prática e administrativa de uma experiência institucional — por definição, incerta e necessariamente “desviante”⁹ — no âmbito de uma estrutura codificada e exigente de uma política pública europeia, e que por esta razão também tinham que estar igualmente comprometidos com o projeto e atentos à sua missão pragmática.

Esperava-se que o grupo de membros da equipe científica demonstrasse uma sensibilidade reflexiva e prática, um forte interesse tanto por seminários de laboratório quanto por pesquisas de campo, elaboração teórica e indexação empírica, diálogo com autores distantes no espaço e no tempo, diálogo com um público local-regional, fossem eles líderes de projetos subsidiados, funcionários públicos regionais ou assessores ministeriais, técnicos e especialistas em assuntos sociais, ambientais e econômicos, pertencentes a associações críticas ou moradores de Bruxelas preocupados com as consequências desta política.

Entendeu-se que, se “o Estado é algo que deve ser sempre escrutinado, examinado, investigado [...], o problema de descobrir o Estado não é [...] um problema destinado a pesquisadores preocupados com a teoria e que apenas inspecionariam as instituições existentes” (Dewey, 1927/2003, p. 74), mas sim a uma comunidade de pesquisadores engajada na prática experimental e crítica de uma política pública e corresponsável pela resolução dos problemas que nela surgem.

⁸ A experiência do Metrolab permitiu, para cinco de nossos jovens pesquisadores, a conclusão de teses de doutorado, algumas já defendidas, outras em processo de conclusão ou ainda em andamento: em 2019, Andrea Bortolotti, planejador urbano (“Questionando os resíduos por meio do metabolismo urbano: tecnologias, escalas, práticas”); em 2020, Simon Debersaques, geógrafo (“E, além disso, trabalhamos com os bairros. Análise das tensões entre instalações culturais híbridas e os bairros da classe trabalhadora no processo de gentrificação”); Sarah Van Hollebeke, socióloga (“Profissionais do discurso e especialistas em imagem no projeto urbano. Pesquisa em Bruxelas sobre uma assimetria de colaboração entre especialistas da cidade”); Pauline Varloteaux, (“Anatomia dos projetos urbanos em Bruxelas”); Corentin Sanchez-Trenado, geógrafo (“A ancoragem espacial das atividades econômicas como um recurso para bairros centrais da classe trabalhadora”).

⁹ “Quando as novidades assumem a forma de dispositivos mecânicos, estamos inclinados a recebê-las. Mas “[a] comunidade organizada continua hesitante até hoje em relação a novas ideias que não sejam de natureza técnica ou tecnológica”, [...] “pois uma inovação é um desvio” (Dewey, 2003: 93).

2. Provas ecossemióticas: tensões entre modos/mundos de significado

Estes cinco anos de experiência, em que se recebeu neste espaço de trabalho uma série de interlocutores e co-investigadores e a eles se associou um processo de pesquisa, foram tão excitantes e produtivos quanto desafiadores — provas que, além da dimensão de seu *pathos*, nos interessam pela dimensão ativa de aprendizagem que o pragmatismo deweyano reconhece neles. Entre as múltiplas provas que marcaram a experiência Metrolab, insistiremos aqui nas provas de comunicação e intercompreensão entre uma pluralidade de observadores e atores. As situações urbanas organizam múltiplas perspectivas e articulam a intersecção de uma pluralidade de sistemas de coordenadas (Mead, 1926).

O desafio de um espaço como o Metrolab é oferecer uma plataforma capaz de hospedar e de viabilizar a intercooperação de saberes sobre a cidade, modos de engajamento e percepções da realidade urbana muito diferentes. Antes de considerar as diferentes modalidades destes desafios, é importante determinar sua natureza.

Dissemos que se tratava de testes de comunicação e intercompreensão. No entanto, na medida em que estas provas ou tensões não dizem respeito apenas às pessoas, no entanto, mais abstratamente aos modos cognitivos, perceptivos e interpretativos; e dado, além disso, que estas transações entre saberes não passam necessariamente pelos *Diskurs* propostos por Habermas, mas por diferentes níveis de linguagem e diferentes regimes de signos, é melhor concebê-los como provas de significação ou provas semióticas. Por conseguinte, como estes modos de significação plurais — potencialmente complementares e parcialmente concorrentes — se enraízam e se cultivam em diferentes mundos de significação, mediante uma realidade material e ecológica (Cefai, 2015), as interações que eles mantêm são, em definitivo, do tipo “ecossemiótico” (Berger, 2018a).

A experiência em primeira pessoa dessas provas foi uma oportunidade de aplicar uma abordagem praticada desde o início do meu trabalho para descrever e analisar as dificuldades enunciativas em reuniões de caráter político (Berger, 2008), uma abordagem que eu chamava de “etnopragmática”, seguindo a etnografia de comunicação de Alessandro Duranti (1994). A ecossemiótica apenas determina o sentido já colocado na etnopragmática, com o “eco-” substituindo o “etno-”, a fim de reforçar a dimensão

material e viva, e não meramente cultural, do “ambiente de recepção” (Berger, 2018), no qual se tenta enunciar; o “semiótico” substituindo o “pragmático”, na medida em que o trabalho de significação, de *meaning-making*, que ocupa os participantes nestas situações, não se limita aos atos de fala da pragmática de Austin ou Searle (Berger, 2014). Esta evolução na abordagem é indicativa de avanços epistemológicos mais gerais na etnografia da comunicação, um campo das ciências sociais marcado, como muitos outros, por uma recente virada espacial/ecológica e que, entre os autores pragmatistas de referência, redescobriu nos últimos anos o pragmatismo semiótico de Charles S. Peirce (Berger et al., 2017). Assim, por exemplo, a abordagem de Charles Goodwin, um colaborador próximo a Duranti (Duranti & Goodwin, 1992), foi recentemente qualificada como “ecologia semiótica” (Quéré, 2016).

Embora estes grandes nomes na etnografia da comunicação continuem sendo referências importantes, a ecossemiótica sobre a qual discuto em meu trabalho se interessa menos pelas situações isoladas frequentemente escolhidas por Goodwin ou Duranti do que pelas situações alojadas em um certo “nicho semiótico” (Hoffmeyer, 2008) e participando de uma “semiosfera” mais ampla (Lotman, 1991)¹⁰. Esta última, dado o objeto em torno do qual se desdobra (um problema público ou política pública), tem a espacialidade de uma “arena pública” com múltiplas cenas (Cefaï, 2016). Entretanto, ao contrário do que uma compreensão agonística ou dramatúrgica da noção de arena sugere, cada uma destas “cenas” é abordada não apenas como um lugar de luta ou representação, mas como um meio anteriormente ocupado, habitado, apropriado

¹⁰ A abordagem ecossemiótica favorecida aqui, bem como a “ecologia semiótica” de Charles Goodwin baseia-se em uma concepção metafórica da ecologia aplicada às interações humanas, para enfatizar a importância do “ambiente de recepção” (Berger, 2018a), o *ground* (Berger, 2020), ou o “substrato” (Goodwin, 2011 e 2016) da comunicação; assim como a ecologia humana de Chicago dos anos 1920-30 desenvolveu seus conceitos em analogia com os da ecologia animal e vegetal, ou como a microecologia das interações de Goffman se baseou em numerosas analogias etológicas, sob certo uso do *Umwelt* inicialmente concebido por Von Uexküll (1934/2010) para capturar o surgimento da significação para formas elementares de vida. A ecossemiótica humana que nos interessa aqui deve ser diferenciada da produzida pela biossemiótica e pela zoossemiótica, e introduzida por Winfried Nöth (1998 e 2001) em “Semiotics of Nature” na revista *Sign Systems Studies* (ver também: Levesque & Caccamo, 2017, bem como em seu dossiê “Ecologia e Semiótica” da revista *Cigne Noir*). Se a primeira mobiliza a segunda, se supõe que seja a partir de uma transformação por “modalização” (Goffman, 1991) de seus conceitos e de seu significado. Tomamos emprestado, por exemplo, a ideia do “nicho semiótico” do biossemiotista Jesper Hoffmeyer (2008), como Park (1936) falava (seguindo J. Arthur Thompson e Ernst e Haeckel) de “nichos ecológicos” para se qualificar meios urbanos. Yuri Lotman, por sua vez, desenvolve um conceito de “semiosfera” inspirado na biosfera de Vernadsky, mas colocado em prática em uma teoria semiótica da cultura (Lotman, 1991). A semiosfera de Lotman, por sua vez, terá, por meio da Escola de Tartu, uma influência na “bio” e na zoossemiótica, que fazem pensar que as ecossemióticas humana e animal podem ser mutuamente férteis.

por uma parte dos participantes, como uma região de seu “mundo social” (Cefaï, 2015), e dentro do qual fazem prevalecer, entre outras coisas, regimes de signos, modos de interpretação e um “estilo cognitivo” particular (Schütz, 1945/1962).

Nas páginas seguintes, consideraremos duas variedades destas provas ecossemióticas, estas tensões entre modos/mundos de significado que foram exploradas durante a experiência Metrolab: (1) entre representantes de “faculdades” — no duplo sentido cognitivo e institucional do termo — diferentes dentro da equipe científica; (2) entre o laboratório-observatório e os atores dos projetos urbanos com os quais buscou-se coordenar em uma comunidade de pesquisa ampliada.

3. Tensões férteis entre faculdades

Consideremos primeiramente, sob este ângulo ecossemiótico, o problema geral da pluralidade de inteligências, das tensões e dos transbordamentos necessários entre estas faculdades, conhecimentos ou disciplinas, já que assim buscam coordenar-se em torno do mesmo objeto de investigação, antes de apresentar as formas particulares (muitas vezes férteis) que este problema assume no Metrolab.

3.1. O artista, o rastreador, o matemático

A ecologia do conhecimento e das faculdades começa no nível do indivíduo, através de um desenvolvimento ecológico da mente: o sujeito do conhecimento reconhece e aprecia a pluralidade e a interdependência das formas de inteligência de um fenômeno. Assim, por exemplo, o filósofo americano Charles Sanders Peirce (1992, pp. 146-147) acreditava que uma apreciação justa dos fenômenos do mundo exigia que a filosofia cooperasse com as diferentes faculdades da inteligência humana:

A primeira e a mais importante é a esta rara faculdade de ver o que está diante de nós, no momento em que se apresenta [...]. É, por exemplo, a faculdade do artista que vê as cores aparentes da natureza tal como se apresentam. Quando o chão está coberto de neve sobre a qual o sol brilha, exceto onde as sombras caem, se você perguntar a um homem comum qual cor aparece diante dele, ele

dirá branco, branco puro no sol, um pouco acinzentado na sombra [...]. O artista, por sua vez, dirá que as sombras não são cinzas, mas um azul opaco e que a neve no sol tem um amarelo exuberante. [Para fundar uma fenomenologia], o poder de observação do artista é o mais procurado [...]. A segunda faculdade da qual precisamos nos armar é um discernimento resoluto que se agarra como um bulldog à característica particular que nós estudamos, segue-o por onde quer que se esconda, e o detecta sob todas as suas aparências. A terceira faculdade de que precisamos é o poder de generalização do matemático, que produz a fórmula abstrata que compreende a própria essência da característica examinada, purificada de seus atributos acessórios ou não pertinentes [...].

Estas diferentes faculdades, que juntas produzem uma fenomenologia completa, não se reduzem nem à sensibilidade estética (o artista), nem à observação empírica (o rastreador), nem à lógica abstrata (o matemático), se combinam também na inteligência de um único e mesmo indivíduo. Cada uma destas faculdades corresponde a um modo elementar de estar no mundo, que Peirce chama respectivamente de primeiridade (o fenômeno é apreendido em sua qualidade), secundidade (o fenômeno é apreendido em sua tangibilidade) e terceiridade (o fenômeno é apreendido em sua generalidade), e nós as mobilizamos constantemente de formas muito comuns.

Podemos então elaborar cada uma dessas relações para o mundo, de forma mais ou menos dissociada ou associada. Se Peirce é considerado um autêntico gênio, isso se deve a uma ética intelectual inscrita no que Gregory Bateson chamou muito mais tarde de “uma ecologia do espírito” (1972), e que o levou a se destacar como lógico e matemático, mas também como geodésico, enólogo e até mesmo detetive (Eco & Sebeok, 1984)! Essas diversas habilidades, mas cujas conexões íntimas ele compreendia, se unem em sua prática única de filosofia.

3.2. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade

Se essas faculdades podem ser elaboradas e articuladas por uma mesma mente brilhante, uma ecologia do conhecimento nos convida também a buscar esta cooperação de faculdades através da comunicação e colaboração. É possível imaginar um laboratório

onde o artista, o rastreador e o matemático colaborariam entre si, por meio de uma certa divisão de trabalho, dentro de uma equipe interdisciplinar? A resposta é menos óbvia do que parece. Primeiramente, temos que nos perguntar se estas diferentes faculdades podem compor juntas uma fenomenologia que parece exigir uma quarta faculdade, uma faculdade de articulação das outras três e que não está necessariamente representada nesta equipe. Mesmo se supomos que nossos três especialistas são igualmente treinados em fenomenologia como disciplina filosófica, outros problemas surgem.

Quem, entre o artista, o rastreador ou o matemático, está à frente da colaboração? Quem define a estrutura, formula o problema e define os objetivos? Quem é o anfitrião que “recebe em casa”; quem é o convidado, quem “joga em movimento”? Onde se estabelece o laboratório? No escritório de uma faculdade de matemática, em meio a livros e cópias de provas? No vasto ateliê de um coletivo de artistas, entre telas inacabadas e restos de pizza? Ao ar livre e em movimento, em um terreno familiar para o rastreador? Qual atmosfera prevalece neste “mundo específico”¹¹ e que humor cognitivo ele favorece?

Com quais objetos e instrumentos o local está equipado? Qual meio (visual, verbal, textual...) é enfatizado, indicado ou sugerido pela situação? Quais categorias de sinais dominam as trocas (Peirce, 1978)? Os *ícones*, que significam por semelhança, evocação, eles abrem significados potenciais? Os *índices*, esses signos que aderem aos fatos e ao que existe, a partir dos quais se busca garantir as capturas da realidade? Os *símbolos*, que desenvolvem um significado geral, estão baseados em leis, convenções ou hábitos?

Estes desafios, que frequentemente surgem em colaborações interdisciplinares, são de natureza *ecossemiótica*. Vamos tentar esclarecer o significado deste termo e seu interesse. O artista, o rastreador e o matemático desenvolvem diferentes faculdades porque se familiarizam com diferentes modos de significação, prestando atenção a um certo tipo de signos em lugar de outros. Eles se distinguem, o primeiro por uma inteligência icônica, o segundo por uma inteligência índice, o terceiro por uma

¹¹ Aqui reconhecemos o *Umwelten* profissional delineado por von Uexküll no final de seu estudo clássico (1934/2010).

inteligência indexical (Ferry, 2007). O desenvolvimento de uma comunicação e de uma inteligência interdisciplinar neste grupo, pressupõe transações “intersemióticas” entre diferentes universos de significações, transações que devem ser compreendidas e controladas por um procedimento¹².

Novamente, falar de obstáculos ecossemióticos em vez de simplesmente semióticos acrescenta este ponto importante: se o artista, o rastreador e o matemático não prestam atenção aos mesmos signos, se eles recorrem a universos diferentes de significado, é também simplesmente porque eles “não vivem no mesmo mundo”, porque habitam mundos diferentes (Cefai, 2015), onde “o significado é cultivado” de maneira diferente (Rochberg-Halton, 1986).

Assim, a inteligência indexical do rastreador ou do caçador se impõe como uma adaptação a um mundo (uma floresta hostil, por exemplo) e ao interesse pelo conhecimento que incentiva (saber = nutrir-se; ser inteligente = sobreviver); um mundo e um interesse pelo conhecimento que são, em princípio, totalmente alheios ao eminente matemático. Uma epistemologia da interdisciplinaridade deve interessar-se por isto: os problemas da interdisciplinaridade não se limitam a questões técnicas de transcodificação de uma “linguagem” a outra, ou à escolha do meio (o lápis, a palavra, o powerpoint, etc.), mas levantam a questão sócioantropológica da pertença destes três personagens a nichos semióticos propriamente ditos que se inscrevem em diferentes *nichos ecológicos*. Relidas dentro destes novos termos, as dificuldades da comunicação interdisciplinar não podem mais ser concebidas como simples problemas de tradução, mas como problemas de circulação e acessibilidade de um nicho para outro, problemas de recepção dentro do ambiente de acolhimento, onde se realizam e se organizam as trocas; em suma, como problemas de *hospitalidade* (Stavo-Debaugé, 2018; Berger, 2018b).

Esta concepção ecossemiótica também lança uma luz singular sobre a noção de “transdisciplinaridade”. Enquanto a “interdisciplinaridade” pressupõe, de maneira pouco

¹² Embora Jürgen Habermas (1987) tenha teorizado em detalhes os procedimentos para controlar a qualidade das trocas linguísticas entre os interlocutores e para promover a “racionalidade comunicativa” de uma proposição ou de uma decisão deliberada, ele deixou de lado os problemas da heterogeneidade semiótica e da pluralidade de inteligências que marcam a comunicação humana. Ainda há muito a ser feito para uma teoria normativa da ação comunicativa fora de seu logocentrismo; alguns avanços nessa área buscam radicalizar a inspiração pragmatista do programa habermasiano do programa habermasiano (Parret, 1999; Ferry, 2007; Berger, 2017; Genard, 2017).

realista, a simetria e a complementaridade entre as disciplinas representadas, entre inteligências que se encaixariam uma na outra, em um espaço de comunicação supostamente neutro, a “transdisciplinaridade” reconhece melhor a assimetria irreduzível destas colaborações entre a *host discipline* e a *guest discipline*, e o fato de que estas últimas só podem avançar no espaço de comunicação, transbordando, em certa medida, sobre a inteligência própria das primeiras. A transdisciplinaridade ocorre quando episódios de invasão ou transgressão introduzem uma tensão fértil dentro do meio epistêmico de acolhimento.

O que se entende aqui por uma tensão fértil? Não a “disrupção” celebrada por si só, pela beleza do gesto ou pela emoção que provoca a invasão de entrar no domínio do outro (tal concepção esteticista do transbordamento entre disciplinas faz muito mal a estas iniciativas). Obviamente, não se trata também dessas “irritações” entre sistemas de conhecimento, às quais os “anfitriões” reagem de maneira alérgica, após as quais reagem de forma defensiva, escorando-se em suas aquisições disciplinares. Trata-se, antes, de *transbordamentos problemáticos*, que têm o mérito de dar origem a um *problema* dentro deste coletivo híbrido e que mobilizam seus membros — anfitriões e convidados — em um processo de investigação, de esclarecimento progressivo e coletivo da dificuldade, um processo destinado a esclarecer este litígio epistêmico e a avaliar conjuntamente o ganho ou a perda de inteligência causada pelo transbordamento.

3.3. Metrolab: abrigar e cultivar a transdisciplinaridade urbana

Deixemos de lado o exemplo de Peirce para considerar a experiência do Metrolab. Esta aventura coletiva que associa arquitetos-urbanos, sociólogos e geógrafos, pensada inicialmente como “interdisciplinar” e agora experimentada como “transdisciplinar”, deu origem, de fato, a todo tipo de tensão, mais ou menos frutífera. Destas, as mais interessantes surgiram quando um geógrafo ou urbanista tentou uma problematização sociológica, ou quando uma socióloga tentou aproveitar a ferramenta cartográfica ou esboçar um design de um espaço público ou de um edifício. Se essas tentativas, em algumas ocasiões, deram origem a irritações ou mesmo rupturas, elas também foram, felizmente, postuladas como problemas: considerar seriamente esses transbordamentos exigia que o grupo em questão questionasse suas potencialidades para abrir novas

perspectivas ou para oferecer novas e pertinentes percepções sobre o fenômeno estudado; perspectivas e esclarecimentos até então ausentes do corpo de disciplinar de referência.

Se a invasão da socióloga no campo de inteligência do arquiteto e sua apropriação dos instrumentos de concepção arquitetônica-urbanística só podem, claramente, produzir subarquitetura ou suburbanismo, diversas possibilidades se apresentam: esta tentativa pode suscitar aborrecimento, zombaria, desprezo e ser facilmente descartada; pode ser considerada com seriedade pelo arquiteto, mas rejeitada a partir de um argumento; por fim, pode ser retomada, retrabalhada pelo arquiteto para dar-lhe uma forma acabada e talvez original.

De fato, neste último caso, a socióloga iniciou um design (em si mesmo inacabado) com base em premissas, ideias e intenções indisciplinas e, portanto, talvez novas. Por outro lado, os sociólogos devem levar a sério as tentativas pelas quais o arquiteto ou o geógrafo “sociologizam”. O domínio das configurações e relações espaciais, atenção aos detalhes práticos, sensibilidade estética para as qualidades da experiência e para os ambientes, todas estas habilidades que os arquitetos podem demonstrar podem dar origem a intuições ou hipóteses sociológicas que terão a originalidade e a força para apreender uma relação social em sua forma mais concreta, situada e material. A inteligência geográfica das teias territoriais, da relatividade e interdependência das situações urbanas pode, por sua vez, permitir o início de um raciocínio sociológico, evitando a miopia.

Independente das colaborações que fizeram a associação entre estas disciplinas, às vezes em duplas (arquitetura e sociologia, urbanismo e geografia), às vezes as três ao mesmo tempo, a transdisciplinaridade dentro do Metrolab também se expressou em processos de socialização, sociabilidade e interconhecimento, que não eram determinados por filiações disciplinares, nem mesmo, por filiações institucionais (entre pesquisadores da UCLouvain e da ULB). Outra maneira de testar a capacidade “transdisciplinar” alcançada pelo coletivo Metrolab é finalmente o fato de que, após quatro anos de intensa colaboração, não é com um(a) sociólogo(a), um(a) arquiteto(a) ou um geógrafo(a) com quem se trabalha, discute, ri ou briga, mas com Louise, Pauline, Christian, Geoffrey, Sarah, Simon....

Se este é o caso, é sem dúvida porque, ao longo do tempo, por meio da multiplicação e do aprofundamento de colaborações cuja liderança, em alguns casos, foi assegurada por sociólogos, arquitetos e geógrafos, o Metrolab abriu e depois consolidou um novo habitat para a pesquisa urbana, um “nicho semiótico” particular, no qual puderam prosperar significados compartilhados; mapas, *designs*, problemáticas e conceitos que se tornaram indissociavelmente sociológicos, geográficos e arquitetônicos.

4. Pesquisa e ação: *knowing that, knowing how*

A relação com o compromisso prático e a ação constitui uma prova ecossemiótica adicional e totalmente determinante para os nossos trabalhos, que se inserem no âmbito da pesquisa aplicada e da pesquisa-ação. As dificuldades relacionadas à comunicação e cooperação entre disciplinas dentro do laboratório, embora não possam ser subestimadas, acabam por permanecer na “cozinha interna” para os atores urbanos com os quais pretendemos trabalhar. Ter conseguido desenvolver as condições de transdisciplinaridade dentro do nicho Metrolab, no contexto dos nossos seminários, não teria grande valor se não fôssemos capazes de orientar e assistir às práticas dos atores. De fato, a questão pode ter surgido: os desafios ecossemióticos encontrados internamente entre disciplinas não nos desviam dos desafios ecossemióticos mais cruciais que abrem a missão de “investiga-ação”, a situação de comunicação e colaboração que une o investigador e o praticante? Se abrir e fortalecer uma nova esfera de conhecimento transdisciplinar aumenta a complexidade interna, os investigadores envolvidos nestes esforços não são tentados a limitar as transações com o mundo exterior, a evitar um novo ganho em complexidade, através de uma abertura à realidade do ator? Estas preocupações, muito presentes durante os dois primeiros anos da aventura Metrolab, diminuíram, considerando a multiplicação de colaborações práticas com vários líderes de projetos do FEDER 2014-2020 e outros atores públicos ou cidadãos, e o reconhecimento por estes diferentes atores do papel do Metrolab.

Para os pesquisadores do Metrolab, a prova de comunicação e de colaboração transdisciplinar dentro da equipe científica representava, portanto, um pré-requisito importante para esta outra prova ecossemiótica, mais determinante, que representam a

comunicação e a colaboração com os atores urbanos de Bruxelas. Ninguém no grupo perdeu de vista, nos seminários e conferências, os conteúdos por vezes muito teóricos que organizávamos, atividades reflexivas que se justificavam por sua necessária extensão a compromissos práticos com os atores. A comunicação transdisciplinar operando dentro do laboratório teria sido inútil se não tivesse recebido “o seu propósito, a sua especificidade, e o seu mandato” (Dewey, 1923/2014) da realidade urbana com a qual os atores de Bruxelas estão lidando. O objetivo destas trocas entre disciplinas e para além das fronteiras disciplinares permanece, em última análise, “esclarecer uma situação confusa para que possam ser sugeridas formas razoáveis de lidar com ela” (Ibid.). Justamente porque a realidade não se não se preocupa com as fronteiras entre campos de estudo, ciúmes disciplinares e suscetibilidades pessoais que as esferas de experimentação coletiva se criam como o Metrolab e muitos outros são criados. O real é transdisciplinar!

Tendo exposto o desafio de colaborações mais estreitas entre pesquisadores universitários e atores urbanos nas políticas das cidades, é preciso se questionar sobre as formas desejáveis destas colaborações. Mesmo que as coisas tenham evoluído nos últimos anos através da multiplicação de laboratórios vivos (*living labs*) e experiências de pesquisa aplicada, a interação entre pesquisadores e atores é, na maior parte do tempo, concebida em termos de uma complementaridade caricatural, na qual os pesquisadores contribuem com seus conhecimentos e os atores com suas habilidades práticas.

Uma divisão do trabalho tão estereotipada está na origem de muitas colaborações improdutivas, pois elas se baseiam num diálogo de surdos entre sujeitos do conhecimento, por um lado, e sujeitos de ação, por outro, seres engajados em relações muito diferentes com o mundo e provavelmente mais incompatíveis do que verdadeiramente complementares. Na maioria das vezes, o ator não sabe o que fazer com os conhecimentos desenvolvidos através da observação contemplativa dos fenômenos urbanos (uma relação com os fenômenos livres das restrições da ação). O universitário, por sua vez, não sabe o que pensar sobre as habilidades práticas dos atores que são mais bem demonstradas em situação e contexto, através da reprodução dos atos cotidianos, da formação de hábitos e de um *savoir-faire* que são difíceis de articular.

É importante repensar os termos da interação colaborativa entre pesquisadores e atores urbanos a partir de uma concepção mais realista e simétrica da relação que têm

com o conhecimento e a prática, ao “saber isso” (*knowing that*) e ao “saber como” (*knowing how*), para retomar a distinção proposta por Gilbert Ryle (1945). A lógica que pressupõe que o pesquisador se engaja no único modo de conhecimento (*knowledge-that*) no âmbito de uma relação complementar, em que o ator se limitaria a mobilizar um *savoir-faire* (*knowledge-how*), é equivocada. É ao mesmo tempo excessiva e pretenciosa (a superioridade do conhecimento do pesquisador em relação ao do ator é pressuposta) e, ao mesmo tempo, muito tímida e falsamente modesta (o pesquisador desiste de fazer valer um *savoir-faire* prático). Em outras palavras, os acadêmicos envolvidos em processos de “pesquisa colaborativa” têm uma tendência infeliz de superestimar a profundidade ou pertinência de seu conhecimento e subestimar a utilidade e o valor de seus conhecimentos.

Se o pesquisador acadêmico tende a superestimar seu próprio conhecimento (*knowledge-that*), é principalmente porque ele percebe mal a extensão, diversidade e complexidade do conhecimento desenvolvido pelos atores. Por exemplo, um ator de uma política urbana terá desenvolvido, depois de anos de prática, um conhecimento preciso, não apenas do campo temático de sua ação (por exemplo, espaços verdes), mas também dos planos em vigor, das disposições legais, das realidades orçamentárias, dos jogos políticos e eleitorais, das relações institucionais entre os diferentes níveis de governo envolvidos e das relações interpessoais entre os protagonistas desta política. Ele terá memorizado milhares de nomes de pessoas, órgãos, agências, ruas, lugares, edifícios, projetos, etc., conferindo um caráter muito concreto e específico ao seu conhecimento destas entidades que compõem a cidade e intervêm em um projeto ou uma política. De fato, é raro que um pesquisador acadêmico que trabalha em estudos urbanos, mesmo que tenha se especializado em uma cidade ou um território, desenvolva um conhecimento tão rico, diversificado e contextualizado — “indexical”, como diríamos a partir de Garfinkel (1967), para enfatizar justamente que o tipo de sinal que caracteriza este conhecimento e esta inteligência é o índice, o sinal concreto e contextual.

Se o pesquisador universitário superestima seu próprio conhecimento (*knowledge-that*) em relação ao conhecimento constituído nos mundos de ação, é porque muitas vezes ele percebe mal as simplificações e reduções que a pesquisa universitária faz a fim de produzir conhecimento. A “ilusão escolástica” (Bourdieu, 1997),

consequência de uma reclusão do acadêmico à vida no campus e de evitar preocupações relacionadas à ação, longe de diminuir com a experiência, geralmente só piora à medida que o acadêmico se instala tanto neste campo profissional quanto neste modo cognitivo, e ganha exposição e prestígio.

Para os acadêmicos, que tendem a se considerar como depositários da complexidade do mundo, é difícil reconhecer que seu modo de conhecimento, teórico e conceitual, reduz consideravelmente a complexidade, especialmente por meio de operações de generalização, por descontextualização/desindexalização; uma suspensão das restrições praxeológicas e das consequências práticas ligadas à produção de seu discurso; a formação seletiva da realidade que representa a problemática de sua pesquisa, adotando um determinado enfoque (micro ou macro), concentrando-se em tal aspecto da realidade urbana, ou em uma questão particular (sociais, ecológicas ou econômicas, etc.) em detrimento de outras.

Algumas dessas reduções são inevitáveis, inerentes à profissão de pesquisador. Mas o reconhecimento destas reduções deveria, em princípio, encorajar o pesquisador a adotar uma atitude de modéstia e humildade; deveria, ao mesmo tempo, sensibilizá-lo para a complexidade muito particular do conhecimento desenvolvido por muitos atores, estes sujeitos-conhecedores-sob-a-limitação-de-uma-ação. Uma vez mais bem reconhecido este tipo de conhecimento, e melhor compreendido em sua importância e profundidade, o desafio é criar espaços para a constituição de conhecimentos sobre a cidade, nos quais o conhecimento dos especialistas acadêmicos e o conhecimento dos atores urbanos sejam colocados em uma relação de simetria, em vez de espaços nos quais um destes conhecimentos domina, esmaga e despreza o outro.

Além destas considerações sobre a necessidade de compartilhamento e simetrização de conhecimentos (*knowledge-that*) entre observadores acadêmicos e atores urbanos, é necessário analisar as interações e trocas relativas ao *savoir-faire* (*know-how*) de cada um. O problema se inverte aqui. Do ponto de vista da promoção e do compartilhamento de seu *savoir-faire*, os pesquisadores se mostram muitas vezes hesitantes demais.

Intimidados pelas habilidades práticas dos atores, acostumados à ideia de que seus conhecimentos não são diretamente úteis para a ação, ou mesmo que seus conhecimentos “não servem para nada” fora da semioesfera acadêmica, os acadêmicos

abandonam, muitas vezes rápido demais, a ideia de que eles são portadores de um *savoir-faire* e que este pode ser legitimamente considerado válido e útil pelos atores urbanos. Se são, de fato, observadores da vida urbana, os pesquisadores universitários também devem se entender como operadores; suas observações sendo baseadas em princípio em um processo de investigação, apoiadas em métodos e um *modus operandi*. Estas habilidades do investigador, derivadas de seu interesse e gosto pelos problemas (identificar, imaginar, questionar, formular e resolver problemas), são importantes e necessárias no mundo da ação.

Assim como hoje compreende-se bem que os atores urbanos, incluindo os cidadãos, devem ser convidados para os círculos de pesquisa científica (é isto que se busca prioritariamente com a ideia de “pesquisa colaborativa”), não se enfatiza o suficiente a importância do movimento oposto: mais pesquisadores profissionais devem buscar se convidar para o campo da ação pública urbana e fazer valer politicamente o seu próprio know-how, aquele conhecimento prático particular que produz uma habilidade em investigar, problematizar e desvendar problemas (Dewey, 1938/1993).

Referências

Bateson, G. (1972). *Steps Towards An Ecology of Mind*. Ballantine.

Berger, M. (2018b). "Questioning some Forms and Qualities of Urban Togetherness". In M. Berger, B. Moritz, L. Carlier & M. Ranzato (orgs.). *Designing Urban Inclusion*. Metrolab Series, p. 176-181.

Berger, M. (2020). "Locked together screaming. une assemblée municipale américaine enfermée dans l'offense". In L. Kaufmann & L. Quéré (orgs.). *Les Émotions collectives. En quête d'un "objet" impossible*. Éditions de l'EHESS ("Raisons Pratiques", 29), p. 381-417. <https://books.openedition.org/editionsehess/29502>.

Berger, M. (2017). "Vers une théorie du pâtir communicationnel. Sensibiliser Habermas". *Carnets de recherche sociologique*, 62, p. 69-108.

Berger, M. (2018a). "S'inviter dans l'espace public. La participation comme épreuve de venue et de réception", *SociologieS*.

<https://journals.openedition.org/sociologies/6865>.

Berger, M. (2019). *Le temps d'une politique. Chronique des Contrats de quartier bruxellois*. CIVA (Centre International de la Ville et de l'Architecture).

Berger, M. (2008). "Répondre en citoyen ordinaire. Pour une étude ethnopragmatique des engagements profanes". *Tracés*, 15, p. 191-208. <https://journals.openedition.org/traces/773>.

Berger, M. (2014), "La participation sans le discours. Enquête sur un tournant sémiotique dans les pratiques de démocratie participative". *Espaces-Temps*. <https://espacestemps.net/articles/laparticipation-sans-le-discours/>

Berger, M., Gonzalez, P. & Letourneau, A. (2017). "Peirce et les sciences sociales: une sociologie pragmatiste ?". *Cahiers de recherche sociologique*, 62, p. 7-19.

Bourdieu, P. (1997). *Méditations pascaliennes*. Seuil.

Cefaï, D. & Dominique Pasquier (orgs.). (2003). *Les sens du public*. Presses universitaires de France.

Cefaï, D., Bidet A., Stavo-Debaugé, J., Frega, R., Hennion, A. & Cédric Terzi. (2015). (orgs.). "Pragmatisme et sciences sociales". <https://journals.openedition.org/sociologies/4911>.

Cefaï, D. (2016). "Publics, problèmes publics, arènes publiques... Que nous apprend le pragmatisme ?". *Questions de communication*. 30, p. 25-64.

Cefaï, D. (2015). "Mondes sociaux. Enquête sur un héritage de l'écologie humaine à Chicago", *SociologieS*. <https://journals.openedition.org/sociologies/4921>.

Cefaï, D. & I. Joseph (orgs.). (2002). *L'héritage du pragmatisme. Conflits d'urbanité et épreuves de civisme*. Éditions de l'Aube.

Dewey, J. (1993). *Logique. La théorie de l'enquête*. PUF. (Trabalho original publicado em 1938).

Dewey, J. (2011). *La formation des valeurs*. La Découverte. (Trabalho original publicado em 1939).

Dewey, J. (2003). *Le public et ses problèmes*. Gallimard. (Trabalho original publicado em 1927).

Dewey, J. (2014). *Reconstruction en philosophie*. Folio. (Trabalho original publicado em 1923).

Duranti, A. (1994). *From grammar to politics*. University of California Press.

Duranti, A. & Charles Goodwin. (1992) (orgs.). *Rethinking context: language as an interactive phenomenon*. Cambridge University Press.

Eco, U., & Sebeok, T. (1986). (orgs.). *The sign of three. Peirce, Holmes, Dupin*. University of Indiana Press.

Ferry, J. M. (2007). *Les grammaires de l'intelligence*. Cerf.

- Garfinkel, H. (1967). *Studies in Ethnomethodology*. Prentice-Hall.
- Genard, J. L. (2017). "Penser la conception architecturale avec Peirce". *Cahiers de recherche sociologie*, 62, 109-135.
- Goffman, E. (1991). *Les cadres de l'expérience*. Minuit. (Trabalho original publicado em 1974).
- Goodwin, C. (2011). "Contextures of Action". In J. Streeck et al. (orgs.). *Embodied Interaction*. Cambridge University Press.
- Goodwin, C. (2016). "L'organisation co-opérative et transformative de l'action et du savoir humains". *Tracés*, (Hors-série 16), p. 19-46. <https://journals.openedition.org/traces/6531>.
- Habermas, J. (1987). *Théorie de l'agir communicationnel*. Fayard.
- Hoffmeyer, J. (2008). "The Semiotic Niche". *Journal Of Mediterranean Ecology*, 9, 5-30.
- Joseph, I. & Y. Grafmeyer (1979). *L'École de Chicago : naissance de l'écologie urbaine*. Éditions du Champ Urbain.
- Joseph, I. (1998). *La ville sans qualités*. Éditions de l'Aube.
- Levesque, S. & E. Caccamo. (2017). "Sémiotique et écologie : une alliance naturelle". *Cygne Noir*, 5 (Dossier "Sémiotique et écologique").
- Lotman, Y. (1991). *Universe of The Mind. A Semiotic Theory of Culture*. Indiana University Press.
- Mead, George Herbert. (1926). "The objective reality of perspectives". In E. S. Brightman (org.). *Proceedings of the Sixth International Congress of Philosophy*. Longmans, Green and Co, p. 75-85.
- Nöth, W. (1998). "Ecosemiotics". *Sign Systems Studies*, 26, p. 332-343.
- Nöth, W. (2001). "Ecosemiotics and the Semiotics of Nature". *Sign Systems Studies*, 29, p. 71-81.
- Park, R. E. (1936). "Human Ecology". *American Journal of Sociology*, 42 (1), p. 1-15.
- Park, R. E. (2004). "La ville comme laboratoire social". In Y. Grafmeyer & I. Joseph (org.). *L'École de Chicago: la naissance de l'écologie urbaine*. Aubier, Flammarion, p. 167-184. (Trabalho original publicado em 1929).
- Parret, H. (1999). *L'esthétique de la communication. L'au-delà de la Pragmatique*. Ousia.
- Peirce, C. S. (1992). "How To Make Our Ideas Clear". In Nathan Houser & Christian Kloesel (org.). *The Essential Peirce. Selected Philosophical Writings – Vol. I (1867-1893)*. Indiana University Press, p. 124-141. (Trabalho original publicado em 1878).

Peirce, C. S. (1978). *Écrits sur le signe*. Seuil.

Quéré, L. (2016). "L'écologie sémiotique de Charles Goodwin". *Tracés*, hors-série 16, p. 47-60. <https://journals.openedition.org/traces/6534>.

Rochberg-Halton, E. (1986). *Meaning and modernity. social theory in the pragmatic attitude*. University of Chicago Press.

Ryle, G. (1945). "Knowing How And Knowing That : The Presidential Address". *Proceedings of The Aristotelian Society*, 46, 1-16.

Schütz, A. (1962). "On Multiple Realities". In *Collected Papers*, vol. I: The Problem of Social Reality. Martinus Nijhoff, p. 207-259. (Trabalho original publicado em 1945).

Stavo-Debauge, J. (2018). "Towards An Hospitable And Inclusive City". In M. Berger, B. Moritz, L. Carlier, & M. Ranzato. *Designing Urban Inclusion*, pp. 165-176. Metrolab Series.

Uexküll (von), J. (2010). *Milieu animal et milieu humain*. Rivages. (Trabalho original publicado em 1934).